

INTERVENÇÃO DA REPRESENTANTE DA BAD

Elvira Queirós

Membro do Conselho Directivo Nacional da BAD

Quero em primeiro lugar, em nome da BAD, felicitar a Faculdade de Letras da Universidade do Porto pela meritória iniciativa de permitir o debate sobre o tema, tão urgente, da «Formação Profissional na área BAD». E de o fazer no 10.º aniversário do Curso de Especialização em Ciências Documentais, numa salutar atitude de, em jeito de balanço, se questionar sobre o caminho percorrido e a percorrer.

Em segundo lugar, quero congratular-me pelo estudo-inquérito apresentado porque ele indica, desde já, o método que se nos afigura mais correcto: ouvir todos os interessados e quantificar as suas opiniões.

Só com o estudo sério e sistemático de todos os elementos envolvidos podemos obter dados seguros que nos permitam tomar as decisões que se impõem. A realidade aí está com todas as suas ambiguidades e virtualidades para que a disciplina de um método faça surgir um plano de acção, credível, realizável e útil.

Os resultados do inquérito dão-nos, desde já, pistas muito interessantes. Aliás, elas são justamente apreendidas nos comentários.

Assim, apesar de todos os itens de qualidade serem maioritariamente avaliados nos indicadores de «acima da média», é pelos avaliados «abaixo da média» que nos devemos orientar. Porque são números significativos e indiciam a necessidade, não de meros ajustamentos, mas de uma profunda reestruturação.

As sugestões são meritórias e a ter em conta, mas o sentimento que prevalece é o de uma certa perplexidade. Quando quase não se questionam os elencos de disciplinas, mesmo quando se sugerem novas, e se insiste, ao mesmo tempo, em mais teoria, mais prática e mais diversidade é todo um outro modelo que se prefigura.

Os próprios docentes, que têm consciência de que não é em *part-time* que se pode fazer investigação e inovar nos conteúdos programáticos, sentem e expressam o desejo de uma necessária profissionalização que garanta a disponibilidade, a atitude, os meios para a qualidade.

A licenciatura e os graus de mestrado e doutoramento perfilam-se no horizonte, já não como hipóteses mas como imperativos de sobrevivência.

Cursos de especialização, que se revelam afinal básicos, não vão continuar a servir, nem os actuais profissionais, nem os futuros. Ao fim de dez anos pouco ganhámos em termos práticos, quando nos confrontamos com os «apenas licenciados». E quanto à nossa «visibilidade» no mercado de trabalho, se inicialmente pode ter sido aumentada, está a decrescer.

É por isso que o habilitarem para a função pública é importante mas não chega. Outros mercados têm forçosamente de se abrir. É preciso que os profissionais legalmente habilitados sejam, igualmente, disputados pelo mercado do sector privado. Que a crescer como é desejável e a acompanhar os objectivos da «Sociedade da Informação», agora finalmente assumida como política pela Comissão da UE, vai precisar, e muito, de profissionais da Informação.

A «Indústria dos Conteúdos» é uma das condições essenciais da «Sociedade da Informação» e é nela que temos de ocupar o nosso lugar. Temos de aprofundar o estudo. Mas não vamos ter todo o tempo que precisamos. É preciso apressar-nos, sem cair no sim fácil a situações de alguma legitimidade, mas viciadas à partida e destinadas ao fracasso.

Precisamos de discutir entre nós, mas é nossa forte convicção que não podemos discutir só entre nós.

Esta «Sociedade da Informação» a que a Europa quer chegar, por razões tão óbvias como as de poder competir com as áreas do Mundo que já lá estão, tem muitos parceiros, muitas profissões.

A identidade nem sempre se define pelas «diferenças profundas», define-se pela «semelhança» que não igualiza, mas «distingue».

A definição das fronteiras da nossa área tem de ser feita com os vizinhos. Também aqui tudo se deve conseguir pela negociação. A guerra é inútil e o fechar das fronteiras irá acantonar-nos num espaço restrito. O que é um resultado perverso para as nossas intenções.

O que sabemos desde já é que, herdeiros de uma tradição de equidistância num universo complexo, podemos e devemos ver a nossa área de intervenção alargada e não diminuída.

Neste momento tudo está em causa. Há que estar muito atento ao nosso espaço europeu e comparar soluções, não para copiar, mas tão só para podermos assumir soluções originais e que nos sirvam.

Os profissionais BAD têm de intervir onde começam a surgir modelos alternativos aos actuais Cursos de Especialização.

A BAD considera que pode constituir um elemento integrador. A BAD disponibiliza-se para trabalhar com as Instituições que estejam seriamente interessadas nas questões da formação superior dos profissionais BAD e que aceitem a nossa proposta de o fazer com a participação dos profissionais que a Associação conheça e reconheça habilitados para tal.

Estamos conscientes que esta é a nossa competência e o nosso dever.